Série III — Ano 6.º | Porto, 26 de março de 1916 | Número 25

A AURORA

Redacção e administração
Rua do Sol, 131 — PORTO
Composição: Rua do Sol, 131
Impressão: Tip. Viuva Batalha

REDACTOR PRINCIPAL
ANTÓNIO ALVES PEREIRA
Editor — Maciel Barbosa
Propriedade do GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA

Condições d'assinatura (Pagam adiant.)
Um mês . . . . . $05 (50 reis)
Semestre . . . . . $30 (300 reis)
Um ano . . . . . $60 (600 reis)
Para fóra do país acresce o importe do sêlo
Número avulso, $01 (10 reis)

ATRAVÉS DA BELIGERANCIA...

A CURIOSA declaração de guerra da Alemanha a Portugal, está na ordem do dia... e da noite. E como a todo o bicho carêta, depois do inesquecível 5 de outubro, lhe assiste o indiscutível direito de manifestar em público a sua douta opinião, nestes últimos dias os alvitres e as sentenças a propósito da atitude dos portugueses na actual conjuntura, têem emergido como os tortulhos em tempo chuvoso.

Em cada patriota sente-se uma explosão de cólera contra o adversário terrível; em cada um dêles encontra-se um peito de ferro, uns músculos de aço, uma decisão enérgica para dar severo castigo aos patifes que, rasgando os tratados e as convenções diplomáticas, não *respeitam* as vidas humanas nem se *importam* com os intangíveis direitos das gentes.

Aqueles que os ouvem, que os apreciam, que analisam despreocupádamente os seus juízos, supô-los hão, com certeza, uns Hércules capazes de esmagarem meio mundo sob o peso dos seus punhos, tal é a verbosidade, a eloquência inflamada, a *pose* que assumem ao gritarem as suas opinanças. Para essas criaturas não há, no momento presente, outra questão a tratar. Guerra, guerra e só guerra. O resto são tudo ninharias que não valem nem a ponta dum cigarro dos de oito ao vintém.

Ora os trabalhadores devem olhar para outros lados. A' pala da guerra, os assambarcadores, os merceeiros, os padeiros, enfim todos aqueles que vivem à sombra do parasitismo estão a elevar desmedidamente o preço dos géneros de primeira necessidade. O roubo e o assalto à bolsa dos pobres consumidores, com o tácito assentimento das autoridades e do govêrno, atingiram o máximo limite. Explora-se à má cara: géneros que se compravam por 10, obteem-se agora por 50, 60, 80 ou 100. E os malditos negociantes ainda não estão contentes. Ainda querem mais. Ainda se preparam, à sombra da lei, para ganharem mais, para defraudarem até ao último ceitil a população laboriosa.

Por seu turno, os salários conservam-se como antes, senão pior. Os industriais, quando se lhes fala em aumentos, lamuriam-se, choramingam-se e dizem que não podem satisfazer as *legítimas* pretensões dos *seus* assalariados, êles, os miseráveis que teem as suas burras atapulhadas de oiro e de boas notas do banco, que passam uma vida regalada, que se banqueteiam com opíparos jantares onde se servem as mais variadas iguarias e onde o *champagne* fervilha a ponto de estontear as cabeças e provocar vomitórios.

Mas uma grande parte dos que trabalham, embriagados pela estupidez da *nossa* decantada beligerância, parece não dar por isso. Aplaude frenèticamente a *obrazinha* de sapa dêsses indivíduos armados em empresários da guerra, paga tudo que lhe exigem e dá-se por satisfeita por «cumprir a sua palavra de honra». Como se ela para isso metesse prego ou estôpa! Como se ela fôsse ouvida! Como se ela tivesse também voz activa!...

Desenganêmo-nos. Isto assim não póde continuar. Ou os trabalhadores olham a valer para a sua desgraçada situação económica e tratam dela a valer, mandando para as profundas dos infernos os patriotas mais a sua verborreia, ou arrebentaremos todos sob o peso dos malandros que só pensam em arrancar-nos a camisa do corpo, para viverem à nossa custa.

Vá, rapazes, toca a pensar no dia de amanhã. Se se esquecem disto, depois será muito tarde, e as orelhas já não deitarão sangue, embora se torçam...

ALFREDO GUERRA.

Sermões ao ar livre

As descrições da batalha de de Verdun abalam o sistema nervoso mais equilibrado. Os instrumentos de morte lavram os campos e ceifam as vidas pelos processos mecânicos mais aperfeiçoados e mais modernos. Nesse sentido, operam maravilhas os nossos sábios, que não souberam evitar a chacina.

Pensamos então nas centenas de milhares de corações juvenis que deixaram de pulsar, interrompidos pela metralha, e mais ainda nos corações dilacerados pela dor, nas fraquezas que ficaram ao desamparo, nas almas para sempre inconsoláveis, nos afectos para sempre despedaçados.

Pobre gado humano sacrificado! Eu lamento o povo, o povo sem fronteiras, os filhos da mesma humanidade, vítimas das mesmas aves de rapina, que entre si disputam a mesma presa.

Outros lamentam os «pequenos povos» ùnicamente. Chamam-se pequenos povos aos pequenos Estados. Preocupa-os grandemente a «independência» dêstes. Mas o que os preocupa nos «pequenos povos» não é o *povo*, é o Estado, tanto assim que, para alcançar a independência do Estado belga, aceitarão de boamente uma nova devastação da Bélgica pelos exércitos em luta. É a perpetuação da guerra e do Estado pela consagração dos seus meios.

O que eu lamento, pois, é o povo, o povo laborioso e pacífico dos campos e oficinas, o povo inocente — duma inocência feita de ignorância, desunião e temor, — quer sofra as brutalidades das hostes do Kaiser, quer padeça as violências das ordas do tsar. Tremo pela sorte dos cidadãos inermes, das mulheres e crianças, quer estejam expostos, em Paris ou Londres, aos infamíssimos atentados dos zepelins tudescos, quer recebam em Zeebrugge, Carlsruhe, Monastir, Doiran ou Geveghli — na Bélgica, na Alemanha ou na Macedónia — a chuva trágica dos aviões aliados.

Nos Estados pequenos reconheço, como Bakunine, uma virtude: a virtude da impotência. Mas desde que, como se vê da presente guerra, essa virtude não proporciona a cada um o único benefício que lhe poderia dar — o benefício muito relativo e precário duma paz burguesa — estou em dizer que tanto monta que a capital do Estado de cada um esteja em Pico de Regalados como em Pekim. Em matéria de violência e opressão, todos os Estados fazem o que podem, na medida das suas fôrças. Quando não podem sós, juntam-se em matilha ou servem de instrumento aos fortes. Reparem-me nos dos Balcans...

Todos, pois, odiosos. Para achar infame o Estado alemão, não preciso de lhe juntar a Turquia bárbara, como não necessito de adicionar a bárbara Rússia aos Estados aliados para os achar detestáveis. E só chamarei povo independente — livre em tôdas as manifestações da vida individual ou colectiva — ao que, tendo tomado conta das terras e meios de produzir, mandar bugiar todos os Estados, a começar pelo seu.

ZENO VAZ.

Revolução Social. — Reune na segunda-feira êste grupo de propaganda anarquista, no lugar do costume.

— Tôda a correspondência deve ser dirigida a J. Cerqueira, rua do Sol, 131.